

## PARTEIRAS INDÍGENAS DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM EM NOVAS FIGURAÇÕES

Quelma da Silva Otero<sup>1</sup>  
Gláucio Campos Gomes de Matos<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo da pesquisa é investigar o processo histórico do trabalho das parteiras tradicionais indígenas na sede do município de São Gabriel da Cachoeira-AM, mediante às novas figurações no atendimento, tratamento e acompanhamento às mulheres no período gestacional. O enfoque é qualitativo, com pesquisa bibliográfica e de campo, como parte da dissertação de mestrado. O aporte está sustentada na teoria eliasiana. O ato de partejar para os povos indígenas era embanhado de rituais que iam desde o planejamento familiar que partiam do equilíbrio quantitativo para a garantia da continuidade social do grupo étnico. Com a cientificização, a medicalização do parto e a criação de programas e políticas públicas de saúde públicas voltadas para o cuidado pré-natal e obstétrico e o discurso do “correto” para o trabalho obstétrico, fez com que o trabalho das parteiras indígenas ficassem no descrédito e no esquecimento. Ao analisar o contexto histórico do trabalho das parteiras indígenas e do processo de inclusão do trabalho obstétrico hospitalar, concluímos que as novas figurações possibilitam um escape de ideias e crenças em que os diversos campos de conhecimento se fragmentam e são tomadas ocasionando a polarização da dimensão humana sobre elas, porém se comunicam mesmo que em uma teia invisível. Em que os conhecimentos ocidentais e os conhecimentos tradicionais das parteiras indígenas junto às grávidas do município se completam para que o novo ser venha ao mundo com mais segurança e proteção.

**Palavras-chave:** Parteira Tradicional Indígena, Processo Civilizador, figurações.

**ABSTRACT:** The objective of the research is to investigate the historical process of the work of traditional indigenous midwives at the headquarters of the municipality of São Gabriel da Cachoeira-AM, through new figurations in the care, treatment and monitoring of women during the gestational period. The focus is qualitative, with bibliographic and field research, as part of the master's thesis. The contribution is supported by the Eliasian theory. The act of giving birth for indigenous peoples was full of rituals that ranged from family planning to quantitative balance to guarantee the social continuity of the

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM).

<sup>2</sup> Doutor pela UNICAMP; Professor do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA/UFAM; Orcid: 0000-0003-3464-1781

ethnic group. With the scientificization, medicalization of childbirth and the creation of public health programs and policies focused on prenatal and obstetric care and the discourse on the “correct” approach to obstetric work, the work of indigenous midwives remained at the forefront. discredit and oblivion. By analyzing the historical context of the work of indigenous midwives and the process of inclusion of hospital obstetric work, we conclude that the new figurations provide an escape for ideas and beliefs in which the different fields of knowledge are fragmented and taken together, causing the polarization of the human dimension. about them, but they communicate even if in an invisible web. In which Western knowledge and the traditional knowledge of indigenous midwives together with pregnant women in the municipality complement each other so that the new being comes into the world with more safety and protection.

**Keywords:** Traditional Indigenous Midwife, Civilizing Process, figurations.

## 1 INTRODUÇÃO

Pateiras tradicionais indígenas são as mulheres especialistas em conhecimentos e práticas ancestrais no atendimento e cuidado das puruãs<sup>3</sup> em seu pré-natal, parto e pós-parto. Para os indígenas, o período mesmo antes do gestar até o pós parto, eram e tem sido considerados como uma passagem na vinda de um ser humano envolto de mistérios, acompanhado por costumes, fazeres e saberes tradicionais que eram realizadas por mulheres, cujos conhecimentos eram transmitidos por suas mães ou avós. Para os colonizadores os indígenas eram desprovidos de conhecimentos, não havia diferenças, eram todos indígenas, não tinham alma nem tão menos uma organização social própria. Para Matos (2020),-o colonizador, em sua autoimagem, ao aportar nas terras do Novo Mundo, considerou os povos originários como seres incivilizados. O colonizador, chega com o conceito de civilização, já pronto em sua terra de origem. Tal concepção reverberou chegando à Amazônia, o que desencadeou a grande missão dos primeiros sobre os autóctones, isto é, a de civilizá-los.

Para Norbert Elias, o termo civilização diz que,

Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de

---

<sup>3</sup> Grávida em língua yehengatu.

seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada. (ELIAS, 2006, p. 21).

No que se refere ao processo de civilização, Elias entende que,

O *processo* de civilização está relacionado à auto-regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos das próprias pulsões [ *urges*], paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas. (ELIAS, 2006, p. 37)

Matos (2023), acompanhando as reflexões de Johan Goudsblom, caminha na perspectiva de aproximar o termo civilização ao de cultura, o que permite inferir que não há na história grupos humanos a viverem inteiramente sem normas, o que se aplica aos povos da Amazônia.

Assim, embora o processo civilizador ocidental tenha sido incrementado intencionalmente sobre os povos autóctnes da Amazônia e alterado em muito o seu *modus vivendi* (MATOS, 2023), os indígenas não negam a importância que os conhecimentos ocidentais tiveram para a formação do pensamento social, intelectual e científica, o questionado e repugnado foi à forma de como eles foram impostas ou ensinados.

Ao reportarmos outra vez às parteiras tradicionais indígenas o conhecimento, assim como outros conhecimentos indígenas, eram transmitidos de forma oral. E esse conhecimento era repassado pelas mães e avós às futuras sucessoras quando ainda na infância e seu preparo seguia desde a escolha da menina (futura parteira) até sua efetivação na prática, pois ela teria que passar por rituais de benzimentos. Porém com a construção e funcionamento dos internatos, segundo Matos (2023), para civilizar os originários, em que o sistema consistia em captar as crianças e interná-las nas grandes missões católicas para sua formação escolar institucionalizada, poucas foram as que ficaram para passar por todo o processo de repasse do etnoconhecimento.

Nos internatos, oficiais de formação introduziam conhecimentos ao tratamento obstétrico, cursos específicos, hospitais, antes feitos por instrumentos ocidentais da época, hoje com novas tecnologias. Nas novas figurações aos quais os originários eram inseridos, ocasionam a diminuição da busca e o trabalho de parteiras tradicionais indígenas, em que passam despercebidas e desvalorizadas.

Diante ao exposto, o estudo busca contextualizar o processo do surgimento das novas figuração ao trabalho das parteiras indígenas do município de São Gabriel da Cachoeira. Para isso, optamos por uma pesquisa qualitativa,

bibliográfica documental com trabalho de campo, dando voz à parteiras indígenas, que resistem em guardar os conhecimentos tradicionais, passado por sucessivas gerações.

## 1. AS NOVAS FIGURAÇÕES DO ATO DE PARTEJAR

Figuração para Norbert Elias significa que,

Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. (ELIAS, 2006, p. 26)

Na leitura em Norbert Elias (1980), vamos compreender que toda figuração está presente o poder, conhecimento e emoções. Nessa concepção, no momento em que se inserem na figuração das parteiras os não indígenas, os ocidentais, principalmente os religiosos salesianos, todo o conhecimento das parteiras e sua íntima relação com a comunidade secularmente construído, foi severamente abalado, para implementar o conhecimentos e as técnicas ocidentais.

Com o contínuo processo de domínio dos colonizadores, as parteiras detentoras de conhecimento, foram colocadas à margem dessa figuração e, como consequência, desequilíbrio sensivelmente as relações de poder que possuíam, tanto nas aldeias e quase desaparece essa função, por forças das ideologias, novas tecnologias, conhecimento e crenças ocidentais.

Segundo Matos (2015), ao estudar comunidades amazônicas, não indígena, destaca que,

O Governo, no sentido de prevenção, orienta para que os casais dirijam-se à sede do município para fazerem o pré-natal e posteriormente o parto. As parteiras, não só de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina vão perdendo seu valor e função nas comunidades. O parto passou a ser no hospital na posição deitada, diferentemente da posição de cócoras como acontecia nas comunidades. No caso de não seguir as regras do Governo, famílias perdem os benefícios sociais. Os remédios caseiros provindo do conhecimento – etnoconhecimento – de ervas da floresta cederam aos remédios de laboratórios. A composição de remédios caseiros são informações aprendidas das tentativas, das experiências do dia a dia; são informações outras, proporcionadas pelos índios e que gradativamente perderam sua posição, mas não quer dizer que deixaram de ser usados. (MATOS, 2015, p. 82)

Continua o Matos,

Com relação à saúde, vinculando ao recebimento dos benefícios do governo, as mulheres que antes eram assistidas por parteiras na comunidade, tinham seus filhos através do parto natural e posição agachada ou de cócoras, passaram a ser exigidas a fazerem na sede do município o pré-natal por agendamento de consulta médica, o

parto na cama do hospital e manterem as crianças vacinadas. A parteira perdeu a função na comunidade. (MATOS, 2015, p. 219)

O ato de partejar assim como a assistência a ele foram durante o tempo sofrendo várias modicações e com elas o olhar e o pensamento das mulheres. Antes era na residência, no contexto das aldeias, depois passou a ser em hospitais, do natural para um complexo sistema de regras, da participação de parteiras para a atuação de um médico. Em uma época, antes da intervenção ocidental, principalmente da intervenção religiosa, as parteiras indígenas tradicionais eram ativas e preparadas para o serviço obstétrico, cuja atuação era e em casos ainda é, cercado de costumes, utilização de ervas, rezas e conhecimentos místicos que propiciavam um trabalho humanizado e seguro, “as parteiras praticam a ciência do concreto” (LEVI-STRAUSS, 2008).

Esse saber fazer, designado de etnoconhecimento, registrados nos estudos de Darrel Posey, em *A Ciência dos Menbêngôkre, alternativas contra a destruição* (1987); Berta Ribeiro, na obra *Os índios das águas: modo de produção e equipamento produtivo* (1995) e Gláucio Matos, em suas pesquisas em comunidades amazônicas registradas na obra *Ethos e figurações na hinterlândia amazônica* (2015), mostram como os habitantes da Amazônia – indígenas e não indígenas – desenvolveram esse conhecimento na relação com a natureza e com outros indivíduos. Para Posey et al, (1987), apud Matos e Rocha Ferrira (2019, p. 377),

Os índios sobreviveram na Amazônia por milênios. Seu conhecimento de ecossistemas, as relações planta-homem-animal e a manipulação dos recursos naturais desenvolveram-se através de incontáveis gerações, fruto de tentativas e de experiências acumuladas.

Posey et al (1987), destaca esse conhecimento intitulando de etnoecologia, etnopedologia, etnozologia, etnomediciana, entre outros que pode ser averiguada na obra citada.

Nos estudos de Matos (2015), esse saber, o conhecimento não institucionalizado por meio da educação escolar, é apreendido no seio das relações sociais e na experiência de vida,

Olhar para a árvore e observar a cor do tronco, o formato da copa, o tamanho e a forma das folhas lhe dizem qual madeira é. Se isso não lhe der condições, então retirar uma lasca da árvore, cheirar e ver sua cor ajudam a eliminar a dúvida. [...]. Ele, de posse das informações, saberá a utilidade da madeira, sua durabilidade e para que construção ou objetivo servirá (MATOS, 2015, p.206).

Seguindo os estudos de Matos (2015), o autor destaca nas comunidades

amazônicas, não indígenas, a utilização e a função de óleos (vegetais e animais) misturados ou não a ervas, raízes e sementes a compor alguns remédios podem ser exemplificadas:

- a mistura do mel silvestre com óleo da copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) e andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) utilizada para combater resfriado, tosse.
- chá de casca de taperebá (*Spondias lutea* L.), usado para asseio íntimo de mulher.
- óleo de copaíba, usado para cicatrização de ferimentos.
- manjerioba (*Cassia occidentalis* L.), utilizado torrado para substituir o café. O chá das raízes serve para amenizar a diarreia causada por sarampo.
- óleo extraído do boto vermelho (*Inia geoffrensis*) e da capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) utilizados para crianças asmáticas.
- óleo extraído do boto vermelho (*Inia geoffrensis*) utilizado como fortificante para boi.
- óleo da banha da sucuriju (*Eunectes murinus*), utilizado para cicatrização de ferimentos.
- pó do osso da capivara para reumatismo.

Sugestões que variam de regiões, mas são remédios caseiros utilizados que ainda têm a função de amenizar as enfermidades em meio ao ambiente de rios e florestas. Em não apresentando resultados satisfatórios o indivíduo busca recursos na sede do município, quer seja em hospitais, posto de atendimento ou em farmácia para a compra de remédios e executar a automedicação. O que se pode observar, por um período longo de tempo, dado o processo de integração, os remédios caseiros foram gradativamente sendo relegados por não constituírem-se de comprovações laboratoriais.

À medida que os antigos deixam a terra e as novas gerações não se preocupam com esses conhecimentos, os medicamentos alopáticos substituem o etnoconhecimento praticado na região e passam cada vez mais a depender do sistema de saúde.

(MATOS, 2015, pp.82/83)

Assim, vamos entendendo, que no universo amazônico, seus habitantes não eram desprovidos de conhecimento e muito menos de regras, como os colonizadores conceberam e posteriormente buscaram erradicar, com a proposta de uma educação ou melhor, de conhecimentos institucionalizados, desprezando e desconstruindo o saber fazer, secular.

A exemplo temos os relatos de dona Amélia Borges, 57 anos, da etnia Tukano e sua filha Dulce Maria, 36 anos, que devido a regra de identidade étnica patriarcal é da etnia Tuyuka, ambas são parteiras da Comunidade de Curicuriari, no Baixo Rio Negro, são naturais do Rio Waupés, porém por questões econômicas e de trabalho migraram para o Baixo Rio Negro. Dona Amélia é parteira desde a sua mocidade, quando foi adquirindo os conhecimentos étnicos do saber partejar por meio de sua mãe e avó que também eram parteiras, o mesmo tem feito com a sua filha Dulce que já a acompanha em alguns serviços junto as puruãs. Os seus trabalhos são desenvolvidas mediante a utilização de medicamentos naturais, industrializados e novos instrumentos, contam que antes para cortar o cordão

umbilical da criança era utilizado o queixo de peixe ou o talo de folha de inajá<sup>4</sup>, o que não se usa mais, e sim uma tesoura ou faquinha. Mas ainda utilizam a semente de mão de paca que fazem o chá para as puruãs tomarem e passam na barriga para um nascimento rápido, para parto seco elas utilizam o óleo comum que se compra para cozinhar.

O trabalho das parteiras é desenvolvido na comunidade em conjunto com o agente de saúde e pajés, quando preciso, as mulheres grávidas da comunidade são atendidas por ambos, muitas das moradoras ainda preferem ter o filho nas mãos das parteiras que ir para a cidade. Dona Amélia disse que pelo fato de elas terem confianças e ter ainda os recursos naturais à disposição para terem um parto seguro. Além da ajuda do agente de saúde elas ainda contam com a participação de homens benzedores quando precisam, “ devido as teimosias<sup>5</sup> e alimentação inadequada algumas mulheres tem o parto difícil” (Dulce e Amélia). E assim elas vão ajudando as puruãs da comunidade, com seus etnoconhecimentos com ervas, banhos e algumas orações específica, no caso das orações doma Amélia informou que ainda não ensinou para a filha, pois precisa de um nível mais elevado para tal conhecimento, “mas na hora certa eu irei ensinar” (Amélia).

Utilizam em seus trabalho produtos naturais como ervas e também.

Ao estudar os ritos da gravidez e parto Van Gennep (1997) demonstrou que nas sociedades ao que ele considerava menos complexas, o sagrado aparece em todas as ações do momento, desde o nascimento até a morte, então descreve:

À medida que descemos na série das civilizações, sendo esta palavra tomada no sentido mais amplo, constatamos a maior predominância do mundo sagrado sobre o mundo profano, o qual, nas sociedades menos evoluídas que conhecemos, engloba praticamente tudo. Nascer, parir, caçar etc. São então atos que se prendem ao sagrado pela maioria de seus aspectos (Van Gennep, 1978, p. 26).

Podemos considerar que o declínio de suas atividades aconteceu quando da inclusão da instrumentação do parto e apropriação pelo saber biomédico mudando o local do parto de domiciliar para hospitalar” (CUNHA,2012). Essa inclusão de novas configurações ao ato de partear iniciaram quando da chegada das primeiras caravelas de Pedro Álvares Cabral em 1500, pois a bordo tinham médicos, a saber:

---

<sup>4</sup> Fruta comestível presente em quase toda região do município.

<sup>5</sup> As mulheres não seguem mais as orientações, regras de comportamento do que pode e não pode fazer durante a gravidez.

Ao todo, os 13 navios transportavam 1,5 mil homens, **entre médicos**, boticários, religiosos, calafates (especializados em tapar e vedar buracos e frestas) e até degredados, isto é, condenados à morte que aceitavam trocar sua pena capital pelo exílio em terras desconhecidas. (BERNARDO, 2020)

Com a chegada dos médicos se passa então atribuir a atividade obstétrica por homens. Período ainda em que elas foram proibidas de exercer a profissão por denúncias que de acordo com Tornquist (2000) as denúncias médicas não faziam menção à falta de conhecimentos relativa às manobras do parto, mas sim a respeito das condições de higiene em que era realizado. Com a construção de hospitais restringiu ainda mais as atividades das parteiras, pois toda e qualquer tipo de tratamento a enfermidades estava na manipulação desse espaço, estabelecendo que o hospital passava a ser o espaço por excelência do saber e da prática médica. Assim, elas constituem um universo no qual o modo de viver, pode-se dizer citando Lévi-Strauss (1975 apud CARVALHO, 1997, p. 34), “não se encaixa nas características sociais de uma sociedade industrial moderna, de moldes ocidentais.”

Apresentamos estes fatos históricos para demonstrar como o conceito de medicalização passou a ser entendida como um processo que torna patológicos situações e comportamentos não médicos, e seu tratamento é objeto do saber médico especializado (Conrad, 1975).

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa mostrou que novas técnicas foram agregadas ao serviço obstétrico na região, diferentemente do parto que era realizado por mulheres indígenas “qualificadas” espiritualmente para tal função por geração a geração. Antes, as atividades junto às grávidas eram de forma natural, com instrumentos da natureza e do cosmológico. As parteiras eram requisitadas periodicamente, para elas não tinha tempo ruim, pois o seu trabalho sagrado precisa ser executado.

E nas últimas décadas o Brasil tem ampliado e desenvolvido programas na área de saúde pública voltadas para o cuidado pré-natal e obstétrico, cujos programas tem como um dos objetivo de encorajar o parto por médicos em hospitais e não em residências, com o discurso de que é o melhor para a segurança da mãe e do bebê, e pela atual realidade de complicações de gestação e de parto, muitas grávidas apenas procuram o serviço médico e nunca os das parteiras.



Na dinâmica das figurações, por força do *habitus*, os habitantes de São Gabriel da Cachoeira convivem com os conhecimentos científico tradicionais das parteiras indígenas e com o conhecimento científico ocidental, ambas presente na sociedade, no município.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, André. **Descobrimento do Brasil: os bastidores da viagem de 44 dias que levou Pedro Álvares Cabral ao país.** 2020. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil>. Acesso em: 20/07/2023.

CONRAD, Pedro. **“A descoberta da hipercinesia: notas sobre a medicalização da do comportamento desviante.** Soc. Probl., 1975.

CUNHA, A. A. **A controvérsia do parto domiciliar.** Femina, Rio de Janeiro, 2012.

ELIAS, N. **Civilização e Figuração.** In: Neiburg, F.; Waizbort, L. (Org.). Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Cap. 2, p.35-68. (Escritos e Ensaios, v.1).

\_\_\_\_\_, Norbert. **O processo civilizador. Uma história de costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_, Norbert. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

\_\_\_\_\_, **Introdução à sociologia.** 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1980.

GEBARA, Ademir; LUCENA, Ricardo de F. **O poder e cotidiano: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias.** In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador - Tecnologia e Civilização, nov. 2005, Ponta Grossa, PR, Brasil. Disponível em: [http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simpósio/artigos.html](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simpósio/artigos.html). Acesso em: 20/07/2023.

LÉVI-STRAUSS, C. **O campo da antropologia.** In: LÉVI-STRAUSS, Claude (Org.). Antropologia estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 11-40.

\_\_\_\_\_, Claude. **O pensamento selvagem.** 8ª ed. São Paulo: Papirus. 2008.

TORNQUIST, Carmem Susana. **Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil.** 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica.** Manaus: Valer / Fapeam, 2015.

**MATOS, G. C. G., Norbert Elias para o Pensamento Social e a Compreensão da Gênese do Processo Civilizador Ocidental na Amazônia.** In.:, Norbert Elias em debate: usos e possibilidades de pesquisa no Brasil/ [livro eletrônico]/ Ana Flavia Braun Vieira; Miguel Archanjo de Freitas Junior (Orgs.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.6)

**MATOS, G. C. G., Processo Civilizador Ocidental/Europeu, Tecnização e Modus Vivendi na Amazônia: Experiência de campo sob a lente figuracional/processual.** Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2023.

**VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem.** Rio de Janeiro: Vozes, 1978.